

## AS MÚLTIPLAS DIREÇÕES DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Gabriel Lomba Santiago \*

“Aconteça o que acontecer, cada indivíduo é filho de seu tempo; da mesma forma, a filosofia resume no pensamento o seu próprio tempo.”

Hegels  
Filosofia do Direito

### INTRODUÇÃO

Este artigo pressupõe primeiramente uma atitude **informativa**, levando os leitores a uma visão panorâmica da filosofia atual. Em segundo lugar, uma **forma didática**, principalmente para estudantes e iniciados na literatura filosófica a fim de possibilitar um apanhado mais estruturado da própria panorâmica atual. Em terceiro lugar, uma **postura funcional**, permitindo aos interessados pistas pelas quais possam ampliar o horizonte filosófico e trazer reflexões originais diante da problemática contemporânea.

#### 1 – ANTECEDENTES E AS DIFICULDADES PARA SITUAR A ORIGEM DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

A partir do Renascimento até o Iluminismo, adicionando-se o cientificismo do séc. XIX, o humanismo manifestou poderoso desenvolvimento

---

(\*) Gabriel Lomba Santiago – Professor de Filosofia no Seminário Diocesano de Campinas e Professor de Teologia na PUCC; Licenciado em Filosofia pela PUCC, Curso de Teologia (FAI – S. Paulo).

da “práxis” humana e, conseqüentemente, o despertar criativo dos indivíduos, repercutindo até nossos dias. Contudo, esta atividade avassaladora merece, nos dias de hoje, um questionamento sobre a sua significação.

No âmbito do pensamento percebem-se múltiplas diretrizes filosóficas, onde os “ismos” são constantes; a verdade, com sua carga de relatividade, às vezes é absolutizada a partir do momento que se pensa dentro de determinado esquema, levando-nos sempre à tentação do dogmatismo.

Para melhor configurar a concatenação das idéias provenientes do séc. XIX, é preciso utilizar como origem referencial do que é “contemporâneo”, o século XX, e um dos sinais significativos desta época se apresenta como a volta à especulação sistemática; por outro lado, a característica decisiva é a explicitação de um pluralismo personalista.

Se no século XIX grande parte de suas manifestações se encaminham para um monismo, o início deste século se orienta para um pluralismo onde a diversidade dos graus do ser e a pluralidade dos entes autônomos constituem a tônica central.

A multiplicação das técnicas oriundas da ciência moderna suscitou no homem contemporâneo indestrutível confiança em seu poder de agir, de fazer, de fabricar. Além da metafísica de inspiração tomista, da crítica de origem kantiana, do pensamento hegeliano-marxista e mesmo da experiência existencial, por mais enriquecedora e renovadora que tenha sido, o filosofar deve reencontrar a unidade, não fora de si, mas em si. Não Deve instaurar uma nova problemática, mas revelar a si mesmo a problemática da qual é desde sempre portador enquanto surgimento originário.

A pergunta para hoje: “que é isso ?” continua exigindo uma resposta cada vez mais profunda ou a angústia de não obter um desvelamento. Será que a extensão do problema não se radicaria em que esta complexidade se deve a tantas linhas filosóficas e a tantas razões a favor ou contra ?

Karl Manheim poderia reforçar esta última colocação ao dizer que “um número cada vez maior de pessoas ao refletir não apenas sobre as coisas no mundo, mas também sobre seu próprio pensamento e, neste caso, não tanto sobre a verdade em si mesma, mas sobre o fato de que o mesmo mundo possa mostrar-se diferentemente a observadores diferentes. É claro que tais problemas somente podem tornar-se gerais numa época em que a discordância predomina sobre a concordância. As pessoas se voltam da observação direta de coisas para a consideração dos modos de pensar, somente quando fracassa a possibilidade de

elaboração contínua e direta de conceitos relativos a coisas e situações frente a uma multiplicidade de definições fundamentalmente divergentes.” (1)

Desde 1900 também as ciências tiveram suas crises: a física viveu um período difícil. Numerosas teorias foram eliminadas em pouco tempo, princípios como o da conservação da paridade nas interações fracas, pareciam imunes a qualquer mudanças mas desapareceram; o princípio de simetria entre a matéria e a antimatéria não estará também, no futuro, sujeito ao desaparecimento?

A observação de Leônidas Hegenberg na perspectiva científica é bastante importante dizendo que “há muitas maneiras de construir uma interpretação da circunstância. Todavia, a científica predomina. Relutantemente ou não, o homem reconhece que a ciência é uma espécie de “dado basilar” do mundo contemporâneo. Não obstante, é preciso lembrar que ela não é um edifício de pedra, assentado em pedra; é, antes, um edifício de pedra sentado em lama e areia” (2).

Qual seria o papel do filósofo nesta situação científico-tecnológica? Gusdorf afirma que nenhuma filosofia pôs termo à filosofia. Assim, cada filósofo até certo ponto, como cada artista, possui sua própria maneira de ver e explicar o mundo, enfim sua própria *Weltanschauung*.

Enquanto consideraram as doutrinas filosóficas momentos do vir-a-ser histórico ou fenômenos ideológicos, Hegel e Marx realizaram certo fim da filosofia. Deixaram o campo livre ao florescimento ideológico da primeira metade do séc. XX e a ascensão dos cientismos antifilosóficos do fim do século passado e do nosso tempo, mas não se tratou senão de um aspecto da atividade intelectual de Hegel e Marx.

Enfim, o pensamento contemporâneo num sentido mais estrito começa em 1875 desde a renovação do positivismo, o espiritualismo e o Kantismo, movendo-se em dois polos: 1º) constituído por uma tendência que denominamos humanista, e que tem a vida humana como reflexão; 2º) constituído por uma tendência que chamaríamos de científica, preocupando-se sobre todos os problemas da natureza, como são colocados pela ciência.

## 2 – PANORAMA DAS TENDÊNCIAS ATUAIS DA FILOSOFIA

No quadro do pensamento atual, nota-se o desenvolvimento progressivo da fenomenologia, filosofia analítica, estruturalismo e, em menor escala, o existencialismo.

(1) K. MANNHEIM, *Ideologia e Utopia*, pág. 34.

(2) L. HEGENBERG, *Explicações Científicas*, Herder, São Paulo, págs. 9 – 10.

A fenomenologia desenvolveu-se bem nos países de língua inglesa; o estruturalismo, que não é filosofia tão comum às massas, possui mais aceitação enquanto instrumento de trabalho aplicado às mais variadas disciplinas; o neomarxismo desvinculado da ortodoxia produziu crescente interesse em regiões totalmente impermeáveis a ele e da mesma forma aconteceu à filosofia analítica nas suas diversas variantes.

Junto a estas formas de pensamento, reaparece no cenário ocidental o pensamento de Hegel, onde Paul Ricoeur assinala que “Hegel atrai a atenção como referência obrigatória ao tratar de certos autores fundamentais ( Kierkegaard, Marx, e outros ). Hegel interessa também por si mesmo. Estamos em vias de superar a fase existencialista que projeta o sujeito individual; e sente-se a necessidade de retornar a um pensamento sistemático na qual as crises individuais sejam assumidas em conjuntos mais extensos” (3).

Percebe-se também acentuado interesse por Nietzsche, cujo pensamento é atrativo numa época como a atual, dada a revisões radicais de todos os esquemas de valores e a uma atitude de constante crítica.

Podemos, ainda, referir-nos às aproximações entre filósofos de tendências analíticas e filósofos de tendências marxistas não ortodoxos. Há, por isso, uma ampliação do horizonte filosófico decorrente do interesse de muitos filósofos por determinados problemas que as ciências levantam e das questões análogas aos modelos morais e políticos além de evitar toda pretensa “sabedoria” e duvidosas sínteses.

Particularmente alguns filósofos têm-se dedicado a uma análise das teorias morais, principalmente numa época onde não há lugar para um otimismo ingênuo com referência à perfeição do homem, nem campo suficiente para manter um pessimismo niilista existencial.

A “Filosofia da Linguagem” em Chomsky, por exemplo, aparece como um debate filosófico meramente lingüístico, onde os esquemas conceituais da **síntese generativa** por um lado, e a **gramática transformacional** por outro, constroem-se nas bases de uma **semântica generativa** e projeta-se inegavelmente em certa presença do neo-racionalismo que nada mais é do que resposta original às novas situações. E completando, L. Wittgenstein chega a afirmar que a “A filosofia é uma batalha contra o fascínio de nossa inteligência produzido pela linguagem.” Desta maneira, talvez se admita que a linguagem como **estrutura** e a linguagem como **função** sejam tarefas autênticas.

(3) P. RICOEUR, *Hegel aujourd'hui*, cit. em *Selecciones de Teología*, Barcelona, vol. 14, nº 56, 1975, págs. 339 – 347.

Examinaremos agora, de maneira mais particular, as diversas correntes do pensamento filosófico atual.

## 2.1 — O idealismo

O idealismo, embora “pareça coisa do passado”, desenvolveu-se com Croce e Gentile na Itália; Leon Brunschvicg, na França; Escola de Marburgo e Baden na Alemanha; e nas figuras de Herman Cohen, P. Natorp, Rickert. Quando se fala desta corrente é porque ainda se lê o pensamento de Ernest Cassirer.

O interesse por Hegel e Bradley não é por uma ressurreição do idealismo mas pelas conexões com as correntes idealistas e as reações contrárias ao idealismo que o vieram substituir.

Mas o que é idealismo ? Não se torna fácil uma definição, pois nem sempre aqueles filósofos tomados como idealistas se consideram como tais. R. G. Collingwood, tido como idealista, refutou tal classificação e até rejeitou a classificação de neo-idealista. René Le Senne e Lavelle apresentaram fôrmas de idealismo na sua trama existencialista. No entanto, todos estariam de acordo em que “ser real” é “ser dado à consciência”. Contudo, ainda que se suponha a realidade existindo independente da consciência, ainda permanece de pé o fato de que, nada se pode afirmar com sentido, sem partir da consciência, e, segundo Croce, “o pensamento é pensamento do momento histórico no qual se leva a cabo o pensar” (4).

## 2.2 — O Personalismo

O personalismo é uma presença constante, mas não exclusiva em diversos autores como Berdyaev, Jaspers, Marcel, Buber ou o personalista bostoniano E. S. Brightman, o britânico J. B. Coates.

E. Mounier foi o personalista no sentido mais real do termo, principalmente quando este movimento entrou em contato com problemas políticos e sociais da atualidade. Já os bostonianos utilizaram-se de sua doutrina em defesa de uma crença religiosa onde integraram o personalismo com o idealismo.

O que permanece comum aos personalistas é a idéia de que o homem não é somente um ser natural, mas “alguém” cuja existência transcende

---

(4) B. CROCE, *Intorno al mio lavoro filosofico*, 1945.

o natural e o histórico. "A pessoa é a única realidade que conhecemos e ao mesmo tempo se molda de dentro. Embora esteja presente onde quiser não é dada em nenhuma parte." (5)

Alguns personalistas comparam o predicado "ser pessoal" com os predicados "ser vital" ou "ser existencial", aproximando-se aos vitalistas e existencialistas.

### 2.3 – O realismo

Atualmente o realismo é a maneira pela qual tudo se explica, onde chega a ser moda "falar com realidade". Mas definir o realismo não é tarefa tão fácil, quando se opõe ao idealismo e não ao nominalismo.

Enquanto o idealismo destaca a "consciência transcendental", e os "conceitos" no conhecimento, o realismo coloca em relevo o papel fundamental do "dado". Para os realistas contemporâneos interessam especialmente os "objetos da experiência" e não a experiência dos objetos.

O realismo é atualíssimo porque: 1º) o fato de que há pontos comuns com o existencialismo, pragmatismo, cientificismo, além de coincidir com positivismo ao perceber a necessidade da compreensão filosófica do mundo em mutação; 2º) a crise cultural e social contemporânea, que coloca as pessoas na necessidade de possuir uma filosofia coerente com noções categóricas.

### 2.4 – O historicismo

O historicismo utilizou-se em dois sentidos: 1) como doutrina, segundo a qual todas as realidades são "históricas"; 2) como doutrina, segundo a qual os seres humanos e a cultura devem ser compreendidos só historicamente.

No segundo sentido, Dilthey afirma que "o que seja o homem, ele o experimenta somente mediante a história", e o que constitui a realidade fundamental humana é "Geschichtlichkeit" ( historicidade ). Para Ortega y Gasset "O homem é o que lhe aconteceu e o que fez. Em suma, o homem não tem natureza, mas sim, história, ou seja, o que a natureza é nas coisas é a história no homem."

O historicismo assume um caráter ontológico e epistemológico onde no primeiro destaca o caráter histórico fundamental da realidade e da

(5) E. MOUNIER, *Le Personalisme*, Paris, 1957, pág. 8.

cultura humanas, e no segundo sustenta que não basta compreender realidade e cultura, sem que se utilizem modelos e noções históricos. Para Karl Mannheim o historicismo é a única saída para evitar as armadilhas do relativismo, pois para ele, um ponto de vista é parcial, relativo, somente quando é independente das mutações históricas.

## 2.5 – A Fenomenologia

A filosofia contemporânea investiga a particularidade das coisas, situações, busca exemplos.

A fenomenologia pretende ser mais do que este relativismo do particular, visa mostrar e descrever com rigor, em explicitar as estruturas em que a experiência se verifica, em deixar transparecer na descrição da experiência as suas estruturas universais.

Se a fenomenologia se reduz à reflexão de Husserl, a idéia da fenomenologia será parcial, e quando escrevem Alexander Pfänder, Max Scheler, os resultados serão variáveis. Por isso é que alguns pensadores apresentam a fenomenologia como método, e outros como uma filosofia completa. No entanto, Merleau-Ponty afirma que a fenomenologia pode ser considerada “um modo ou estilo de pensar”. Ela surgiu como uma tentativa de eliminar os pressupostos da denominada “atitude natural”; estes pressupostos condicionam o ponto de partida filosófico.

A idéia de consciência fenomenológica pressupõe existência da consciência. A consciência não é transcendental nem natural, é somente um feixe de intenções. Assim, a noção husserliana da consciência intencional parecia ser o pólo oposto da noção kantiana do sujeito transcendental. As coisas, então, não são nem conteúdos da consciência nem realidades que transcendem a consciência. Os objetos existentes ou não, reais ou ideais, são objetos “intencionais”.

## 2.6 – O Existencialismo

O existencialismo, após a Segunda Guerra Mundial até 1960, era a doutrina filosófica que influenciava grande parte da Europa Ocidental, e o seu êxito deve-se por ter colocado em destaque as aflições humanas, as angústias, as neuroses, o vazio da existência, a morte, a utopia da liberdade.

Sendo o existencialismo a doutrina filosófica que tem por objeto a existência do homem tomada em sua realidade concreta, ao nível do

indivíduo engajado na sociedade, a sua dinâmica possui uma expressão individual, particular, desvinculada até das convenções sociais. Aqui também a existência do homem é um “absurdo”, destituído de significação e onde a existência precede a essência.

As definições mais comuns do “existencialismo” é que afirma o **primado da existência**. Mas o termo “existência” é muito ambíguo. Para colocar numa filosofia o título de existencialismo não deixa de trazer em si algo de exterior a ele. Por exemplo, Ortega y Gasset, que não era existencialista, já dizia antes de Sartre que “o homem está condenado a ser livre”.

O existencialismo, repudiando as crenças vigentes e todo sistema filosófico tradicional enquanto filosofia superficial, acadêmica, desligada da vida, pode passar como o pensamento mais fundamental de todos os tempos, o mais original da realidade concreta. No entanto, isso quer dizer muito pouco, principalmente quando queremos saber, realmente, que significa o vocábulo “existencialismo”. O próprio Sartre encontrou neste vocábulo certa vacuidade ao afirmar que “adquiriu um significado tão amplo que já nada significa” (6).

As formulações como “o primado da existência”, “a existência precede a essência”, podem admitir-se como ponto referencial de partida para a descrição do existencialismo atual, sempre que se atribua ao termo “existência” um sentido definido. Heidegger, por exemplo, critica os pensadores que o chamam de “existencialista”, mesmo que tenha influenciado com seus escritos o existencialismo. O “Dasein” heideggeriano é uma “existência” diferente de qualquer “existência clássica” e mesmo no sentido do existencialismo. Para Heidegger, a filosofia se desdobra na história e possui história. Porém, essa história não vai aos homens e às circunstâncias que a fazem, antes os faz subir à filosofia que se diz através dela.

O existencialismo contemporâneo possui outras fontes além de Kierkegaard. A filosofia de Nietzsche, o movimento fenomenológico, o pragmatismo marcam presença no existencialismo. Atualmente aparece diversificado de tal forma que se pergunta se tem existência como movimento. Daí a expressão de Jean Wahl: “O existencialismo chegou ao seu fim” (7).

## 2.7 – O Estruturalismo

O estruturalismo não se apresenta, num sentido estrito como uma filosofia, embora acabe por apresentar-se como uma concepção totalizante.

(6) J. P. SARTRE, *L'Existencialisme est un Humanisme*, Paris, 1946, pág. 16.

(7) Jean WAHL, *Philosophie existentielle*, 1958, pág. 70.

Encontramos atualmente autores estruturalistas como Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Roland Barthes, Louis Althusser.

Lévi-Strauss coloca o estruturalismo com a consciência da sua limitação, pois suas próprias pesquisas foram precedidas por Malinowski, embora este não percebesse que as comunidades humanas impõem inconscientemente as mesmas formas e mesmos conteúdos.

A lingüística teve para o estruturalismo enorme influência, pois para esta é fundamental, já que todo problema não deixa de ser um problema de linguagem, e para o estruturalismo passa a ser o paradigma das investigações estruturais etnológicas e antropológicas, embora a antropologia cultural não seja cópia gratuita da lingüística estrutural.

A investigação estrutural não é o estudo de um estado momentâneo, mas requer, antes de tudo, uma clarificação adequada que dê sentido para a sua compreensão. Assim sendo, o estruturalismo se contrapõe ao "atomismo" e ao "associacionismo", embora o próprio estruturalismo tome certos trabalhos destes. Como exemplos de estruturas se apresentam os organismos biológicos, as coletividades humanas, os complexos psíquicos, as configurações de objetos dentro de um contexto. Estes casos foram examinados na sua "totalidade" e não somente em seus elementos componentes.

Por outro lado, Lévi-Strauss encontrou em Marx e em Freud resquícios da investigação estrutural, apesar de estes últimos afirmassem que o homem possui sentido a partir do momento que ele se considerasse como significante e as superestruturas seriam atos deficientes. Ainda poderíamos aqui acrescentar que, enquanto Freud achou no inconsciente do homem infra-estruturas, Marx as encontrou nas relações econômicas que se impõe ao homem. Jacques Lacan que desenvolveu a psicanálise estrutural encontra também esses elementos infra-estruturais e Louis Althusser, seguindo Marx, destaca o condicionamento humano pelo componente estrutural.

Por fim, basta aqui externar o pensamento de Lévi-Strauss quando revela, de uma vez, a situação ainda não acabada de um estruturalismo: "Na história do estruturalismo, Boas foi sobretudo um precursor. Mas pretendeu impor às pesquisas estruturais condições demasiado rigorosas. Algumas puderam ser assimiladas por seus sucessores, mas outras eram tão severas e difíceis de satisfazer que teriam esterilizado o progresso científico em qualquer que fosse o domínio" (8).

(8) L. STRAUSS, *A Noção de Estrutura em Etnologia*, col. "Os Pensadores", Abril Cultural, São Paulo, 1976, pág. 15.

## 2.8 – A Filosofia Analítica

A análise é uma atividade esclarecedora que todo filósofo analista pretende expor, qual seja, a linguagem. Assim, a linguagem converte-se em “objeto” de reflexão filosófica. Por isso, psicólogos, sociólogos, antropólogos também têm acesso a esse vasto material chamado linguagem.

Os filósofos analíticos se interessam pela linguagem como meio para a própria análise. Daí a identificação da análise filosófica com a análise lingüística.

Nem todas as palavras são apropriadas para a análise filosófica, mas palavras como “valor”, “indivíduo”, “penso”, levantam problemas e trazem à superfície questões complexas.

Com referência à filosofia da linguagem, apareceram de 1900 a 1950 duas escolas: o positivismo lógico, decorrente de Wittgenstein da primeira época e do Círculo de Viena, e a filosofia da linguagem comum, decorrente de Wittgenstein da última época, de Moore e Tyle. As duas escolas propuseram enfoques lingüísticos para a compreensão da forma lógica e dos problemas filosóficos gerais.

Estas escolas distinguem-se na sua concepção de que modo a linguagem seja “adequada”, ou melhor, que tipo de conhecimento lingüístico proporciona a formulação apropriada de uma interrogação filosófica.

A análise pode ser portadora de símbolos, de significações e de conceitos. Atualmente quase todos os tipos de filosofias analíticas podem classificar-se em dois tipos fundamentais: 1º) a análise expressa por aqueles que contestam os filósofos que aceitaram sem crítica as insinuações lógicas e metafísicas da linguagem, e externaram certas conclusões sobre o mundo e as propriedades gramaticais; 2º) a análise feita por aqueles que contestam os filósofos ao terem considerado a linguagem como serva do pensamento.

Os representantes do 1º tipo são os “formalistas” (o “primeiro Russell”, “o primeiro Wittgenstein”), os atomistas lógicos, os positivistas lógicos como Carnap e Nelson Goodman. Os do 2º tipo são os filósofos da linguagem corrente como dissemos acima (Moore e o “último Wittgenstein”, John Wisdom, Ryle, Strawson). Contudo, pode-se considerar Wittgenstein como a peça principal de toda a filosofia analítica. Em suma, estas duas correntes da filosofia da linguagem partiram do princípio de que toda linguagem sem crítica efetiva era um beco sem saída no qual se encontravam todos os problemas filosóficos.

Assim era a tarefa de Wittgenstein: "o que fazemos é trazer as palavras de seu uso metafísico ao seu uso cotidiano".

## 2.9 – O Marxismo

O marxismo, numa linguagem simples, é a aplicação do materialismo dialético aos fenômenos históricos e sociais, ou seja, um materialismo histórico. O marxismo explica o movimento da história a partir de realidades econômicas.

O marxismo atual apresenta duas modalidades: o marxismo ortodoxo e o marxismo heterodoxo, este último com diversas ramificações.

O marxismo ortodoxo, dominante na Rússia, trata-se de uma série doutrinária de posições filosóficas de Marx adaptadas por Lenin. Trata-se, portanto, de um materialismo e cuja codificação Engels assim colocou: a relação entre o pensar e o ser, e a relação entre o espírito e a natureza, onde o primado da natureza sobre o espírito merece o nome de "materialismo".

A matéria muda de acordo com as leis dialéticas. Contudo, surgiram debates sobre a dialética e, com isso, admitiu-se maior flexibilidade de uma situação radical anterior. Nem todos os marxistas endossam que se possa estabelecer leis dialéticas fixas.

Os marxistas mais dogmáticos agarram-se firmemente às três leis dialéticas de Engels: 1) transformação da quantidade em qualidade. 2) a lei da unidade e a luta dos contrários; 3) a lei da negação da negação. Estes ainda defendem que sua filosofia é a única filosofia científica, onde identificam o significado científico com o materialista. A teoria filosófica não é vista como contemplação da realidade, mas como intervenção nela.

O marxismo não ortodoxo, contrário portanto à "linha oficial", surgiu principalmente em G. Lukács e Gramsci, onde manifestam certa reação a uma dialética extremamente técnica. Crêem que o método dialético constata-se com as realidades sócio-culturais. Para Gramsci o marxismo é uma filosofia da práxis, mas práxis humana. Encontramos, ainda, as formas heterodoxas do marxismo em L. Althusser, H. Lefevre e Lucien Goldmann.

Nas novas tendências marxistas observa-se uma divisão entre "direita" mais conservadora, oficialmente ortodoxa e uma "esquerda" mais revolucionária e inclinada à democratização.

Um pensador que marca presença hoje é H. Marcuse. Todo o seu pensamento apresenta-se como síntese da filosofia de Marx e Freud, onde

tenta aclarar as infelicidades do homem moderno. Marcuse reconhece que as massas trabalhadoras se integraram em grande parte na estrutura social neocapitalista, de maneira que se levanta a questão da natureza e função da alienação. Na perspectiva de Freud afirma que a história da civilização se confunde com a história da repressão. Acusando as sociedades totalitárias: comunismo e capitalismo, atribui a estas um papel "institucional" e, portanto, de organismos de repressão.

Por fim, como diria Roger Garaudy, "a filosofia marxista caracteriza-se pelo ritmo de volta sobre si na reflexão crítica e de retorno ao mundo objetivo, cujas significações e apelos, contradições e problemas são o alimento e a vida da subjetividade humana — sístole e diástole de um pensamento vivo e de uma ação real" (9).

### 3 – CONCLUSÃO: AS MÚLTIPLAS DIREÇÕES DA FILOSOFIA E E SUA SIGNIFICAÇÃO

De certa forma a variedade e a existência de muitas doutrinas constituem uma manifestação positiva, evitando-se, por um lado, a tentação dogmática e, por outro, a mania dos "sistemas acabados". Evidentemente, isto ocasiona certa angústia ao não tornar estável e garantida nenhuma das doutrinas. E a busca, é a crise, é o questionamento que tornam sempre dinâmicas as idéias, os valores, as realidades mais concretas.

Tomamos, então, consciência de que a filosofia contemporânea se apresenta como um fenômeno cultural crítico, onde os aspectos precários e imprevisíveis do homem alcançam seu mais alto grau. A Providência Divina, como estatuto eterno e garantido torna-se tênue, embaraçada, misteriosa; busca-se, então, novas formas da compreensão do homem e uma atitude de responsabilidade pessoal, gerando assim certa oposição a "instituições".

Evitando-se respostas generalizadas com referência aos problemas humanos, evidencia-se, cada vez mais, que os conhecimentos que possuímos não são suficientes para formular respostas válidas diante das circunstâncias mutáveis. Daí a tentativa de especializar-se em determinado campo de pesquisa a fim de penetrar mais na intimidade dos particulares e proceder, então, ao reconhecimento do fundamento básico aplicável a todas as ciências; por isso a

(9) Roger GARAUDY, *Perspectivas do Homem*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968, pág. 246.

filosofia se entenderia como a totalidade das atividades, dos interesses e dos setores culturais que caracterizam determinada sociedade.

Diante desta multiplicidade de modos de pensar filosóficos, entendemos, então, como Einstein, que o importante é o que se faz e o modo de fazê-lo, e não o que se diz que se faz. Então, resta-nos esperar que se compreenda o que fazemos, e o modo como o fazemos.

## BIBLIOGRAFIA

COLLINGWOOD, R. G., **A Idéia de História**, Ed. Presença, Lisboa, s/d.

FOUGEYROLLAS, Pierre, **A Filosofia em questão**, Ed. Paz e Terra, Rio, 1967.

HEGENBERG, Leônidas. **Explicações Científicas**, Herder, São Paulo, 1969.

DUMAS, André. **Ideologia e Fé**, Ed. Tempo e Presença, Rio, 1968.

GARAUDY, Roger. **Perspectivas do Homem**, Civilização Brasileira, Rio, 1968.

KATZ, Jerrold J. **La Realidad Subyacente del lenguaje y su valor filosófico**, Alianza Editorial, Madrid, 1975.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**, Zahar, Rio, 1972.

MORA, José Ferrater. **La Filosofia Actual**, Alianza Editorial, Madrid, 1973.

SPENLÉ, J. E. **O Pensamento Alemão de Lutero a Nietzsche**, Armenio Amado, Ed., Sucessor, Coimbra, 1963.

WHITEHEAD, Alfred North. **Process and reality**, Collier-Macmillan, Canadá, 1969.